

**OFICINAS EDUCATIVAS E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES
SOCIOEMOCIONAIS.
ODS (04)**

Rute Lidiani Pires (Universidade de Taubaté)
Prof. Dr. Julio Cesar Voltolini (Universidade de Taubaté)

Introdução

Ao longo da minha trajetória como educadora, sempre busquei proporcionar aulas que encantassem os alunos, envolvendo o corpo, a emoção e a curiosidade como elementos fundamentais do aprender. Acredito que o aprendizado deve despertar a sensação de estar vivo, estimular a criatividade e transformar nossa forma de ver o mundo. Por isso, desde cedo, desenvolvi práticas pedagógicas que fugissem da rigidez das salas de aula tradicionais, promovendo a participação ativa dos estudantes em espaços diversos.

Em 1992, no início da minha carreira, vivi uma experiência que marcou meu percurso: ao propor uma aula sobre sexualidade, tema sugerido pelos próprios alunos, mas ainda considerado tabu, fui impedida de ministrá-la dentro da escola. A aula, então, aconteceu na calçada, sob a luz de um poste, com os estudantes dispostos em meia-lua. Anos depois, esse episódio foi analisado por Cláudio Galiotto (2023) como exemplo de resistência docente frente às barreiras institucionais e culturais da escola. Esse momento confirmou minha convicção de que práticas pedagógicas ousadas e afetivas são fundamentais para uma educação emancipadora.

Em 2008, ao coordenar o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, propus capacitar os próprios estudantes para que atuassem como multiplicadores em suas comunidades escolares. Assim nasceu o projeto Jovens Protagonistas, cuja metodologia foi sendo construída empiricamente ao longo dos anos. A oficina criada dentro do projeto possui características híbridas: é estruturada em etapas, ativa, interdisciplinar, e voltada ao desenvolvimento integral do aluno - cognitivo, emocional e corporal. Diferente das aulas tradicionais, essa metodologia desloca a centralidade do professor e promove o protagonismo discente.

A partir de 2016, com a fundação da NOUS – Escola Noética Da Vinci, o projeto passou a contar com apoio financeiro e, com a contratação de um psicólogo, iniciamos as tentativas de mensurar os efeitos das oficinas no desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos. Após ajustes nos instrumentos utilizados, o processo avaliativo tornou-se mais consistente. Desde 2019, as oficinas criadas pelos próprios estudantes passaram a ser publicadas em livros ao final de cada edição do projeto, consolidando-se como um espaço de autoria e expressão juvenil.

Diante desse percurso, esta pesquisa, propõe analisar a estrutura metodológica das oficinas do projeto Jovens Protagonistas e avaliar de que forma elas contribuem para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em adolescentes. Para isso, realizarei entrevistas com ex-alunos, buscando compreender, em suas percepções, quais transformações ocorreram em seus comportamentos e quais aspectos da metodologia mais impactaram esse processo. Também serão considerados os dados já coletados pelo projeto sobre o desenvolvimento dessas habilidades.

A investigação terá como foco duas dimensões principais: habilidades sociais (comunicação, respeito, colaboração) e habilidades educacionais (participação, escuta, manejo de conflitos e domínio de conteúdo). Considerando a crescente valorização dessas competências no contexto educacional contemporâneo, acredito que esta pesquisa pode oferecer contribuições significativas para o aprimoramento de práticas pedagógicas e para a formulação de políticas públicas voltadas à formação integral dos estudantes.

Revisão da Literatura

Dimensões socioemocionais da aprendizagem

A aprendizagem, enquanto processo complexo e multidimensional, envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também dimensões socioemocionais fundamentais para o desenvolvimento humano integral. Goleman (1995), ao popularizar o conceito de inteligência emocional, destacou a importância das competências emocionais, como autoconsciência, autorregulação, empatia e habilidades sociais, para o êxito pessoal e profissional. Complementarmente, Damásio (1996) demonstrou que emoção e razão não são instâncias dissociadas,

mas sistemas interdependentes que se articulam na tomada de decisões e na construção do conhecimento.

Nessa mesma direção, Gardner (1995), ao propor a teoria das inteligências múltiplas, ampliou a noção de capacidade humana, reconhecendo dimensões como a inteligência interpessoal e intrapessoal. Mais recentemente, autores como Zins et al. (2004) e CASEL (2013) reforçam a centralidade das competências socioemocionais na educação, evidenciando sua relação com o desempenho acadêmico, o bem-estar e a cidadania.

No contexto brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) incorpora essa perspectiva ao destacar a importância do desenvolvimento integral e da formação socioemocional, propondo competências gerais que articulam conhecimento, habilidades, atitudes e valores. Segundo Barcelos (2024), as competências socioemocionais representam um eixo estruturante para a educação contemporânea, pois permitem que os jovens lidem com os desafios da vida, estabeleçam relações saudáveis e participem de forma crítica e responsável na sociedade.

Nesse sentido, a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1991) é fundamental, pois compreende o desenvolvimento humano como resultado da interação social mediada pela linguagem e pela cultura. A aprendizagem, segundo esse autor, é um processo situado, que ocorre nas relações interpessoais e promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim, a dimensão socioemocional não pode ser dissociada do processo de ensino-aprendizagem, mas deve ser considerada como elemento constitutivo e indissociável.

Segundo Morin (2001), a educação deve preparar para enfrentar as incertezas, estimular a capacidade de compreender o outro e desenvolver a consciência da condição humana.

Dessa forma, observa-se que a literatura contemporânea sobre aprendizagem não dissocia mais cognição e emoção, mas compreende sua interdependência. Essa constatação abre espaço para indagar de que maneira a escola pode estruturar práticas pedagógicas capazes de integrar essas dimensões. É nesse ponto que as oficinas pedagógicas emergem como uma alternativa metodológica relevante, tema da seção seguinte.

Oficinas Educativas como Espaço de Aprendizagem Ativa

As oficinas pedagógicas constituem uma estratégia didática que valoriza a participação ativa dos estudantes, o trabalho colaborativo e a articulação entre teoria e prática. Dewey (1979), por exemplo, já defendia a centralidade da experiência no processo educativo, ressaltando que a aprendizagem ocorre na interação com o meio e na resolução de problemas concretos.

Piaget (1976), ao discutir a construção do conhecimento, também enfatizou a importância da ação do sujeito sobre o objeto, apontando que o aprendizado se dá pela equilibração progressiva entre assimilação e acomodação. Vygotsky (1991), por sua vez, destacou o papel das interações sociais e da mediação na aprendizagem, formulando o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que evidencia o potencial de desenvolvimento dos sujeitos quando apoiados por pares ou adultos mais experientes.

Essas concepções convergem para a noção de que a aprendizagem é mais significativa quando os estudantes têm oportunidade de participar ativamente do processo, construindo saberes de forma colaborativa e contextualizada. As oficinas, nesse sentido, se configuram como práticas pedagógicas que favorecem a problematização, a experimentação e a reflexão crítica, estimulando tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o socioemocional.

Autores como Perrenoud (2000) e Zabala (1998) defendem que metodologias ativas, como oficinas, contribuem para a formação de competências, uma vez que desafiam os estudantes a mobilizar conhecimentos em situações reais e complexas. Assim, a oficina pedagógica se apresenta como um espaço de aprendizagem ativa, no qual a teoria se articula à prática, e os sujeitos assumem papel protagonista em seu processo formativo.

Essas perspectivas convergem para a valorização da oficina como um espaço de construção coletiva, no qual os jovens podem exercer o protagonismo, explorar suas potencialidades e desenvolver competências socioemocionais.

Assim, as oficinas se mostram não apenas como estratégias didáticas eficazes para o engajamento cognitivo, mas também como ambientes privilegiados para o florescimento de competências afetivas e sociais. A próxima seção aprofunda

essa dimensão, destacando como tais práticas podem contribuir para uma concepção mais ampla de educação integral.

Oficinas pedagógicas e o desenvolvimento integral

As oficinas pedagógicas podem ser compreendidas como espaços formativos que possibilitam a articulação entre saberes, práticas e valores. Segundo Boekaerts (1996), o desenvolvimento integral exige que a escola considere simultaneamente as dimensões cognitivas, motivacionais e emocionais da aprendizagem. Ao criar um ambiente em que os estudantes possam experimentar, dialogar e refletir, as oficinas favorecem não apenas a aquisição de conteúdos, mas também a formação ética, estética e política dos sujeitos.

Pinheiro et al. (2024) ressaltam que oficinas educativas promovem a autonomia, a criatividade e o protagonismo juvenil, elementos fundamentais para a construção de uma cidadania ativa e responsável. Além disso, Zins et al. (2004) argumentam que programas educacionais que integram habilidades socioemocionais ao currículo contribuem para a redução de comportamentos de risco, a melhoria das relações interpessoais e o fortalecimento da resiliência dos estudantes.

Perrenoud (2001) também enfatiza que o desenvolvimento de competências requer práticas pedagógicas que estimulem a mobilização de recursos internos e externos, favorecendo a aprendizagem significativa. Nesse sentido, as oficinas podem ser vistas como dispositivos que promovem a articulação entre o individual e o coletivo, entre a emoção e a razão, entre a teoria e a prática.

Lipman (1990), ao propor a filosofia para crianças, enfatiza a importância da comunidade de investigação, na qual o diálogo e a problematização são centrais para o desenvolvimento crítico e ético. Essa proposta dialoga com a ideia de oficinas como espaços coletivos de produção de sentidos, em que a aprendizagem se constrói de forma cooperativa e reflexiva.

Percebe-se, portanto, que o debate sobre oficinas pedagógicas transcende o âmbito das metodologias ativas para situar-se como um campo fértil ao desenvolvimento humano integral. Esse entendimento é fundamental para analisar o caso empírico investigado nesta pesquisa, em que jovens protagonistas vivenciam oficinas voltadas à construção de competências socioemocionais.

Método

O estudo será desenvolvido no NOUS – Escola Noética Da Vinci (Consciência Plena), Pindamonhangaba, SP. Será qualitativo-quantitativo, com delineamento transversal, buscando análise integrada do impacto pedagógico.

Etapas da coleta e análise de dados:

Entrevistas qualitativas com ex-alunos: relatos sobre experiências, aprendizagem e desenvolvimento socioemocional.

Análise documental: livros das oficinas Jovens Protagonistas (2023-2025), focando estrutura metodológica, objetivos formativos e estratégias didáticas.

Análise quantitativa: dados institucionais da escola sobre desenvolvimento socioemocional, aplicando instrumentos validados (ex.: escalas de autorregulação, colaboração e comunicação).

Triangulação metodológica: integração dos dados qualitativos, documentais e quantitativos para identificar convergências, divergências e complementaridades.

Resultados Esperados

Espera-se que a análise revele evidências de que a metodologia das oficinas favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em adolescentes.

Relatos dos ex-alunos devem confirmar a relevância das práticas interativas, interdisciplinares e centradas no protagonismo juvenil, estimulando autonomia e criatividade. A análise documental e institucional deverá reforçar a hipótese de que oficinas promovem aprendizagem integral e fortalecem a capacidade de lidar com desafios pessoais e sociais.

Considerações Finais

As oficinas do projeto Jovens Protagonistas configuram-se como um espaço educativo inovador, articulando aprendizagem cognitiva e socioemocional de forma integrada.

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, espera-se que os achados confirmem o potencial das oficinas para fortalecer habilidades socioemocionais, oferecendo contribuições significativas para práticas pedagógicas e políticas públicas voltadas à educação integral.

Referências

- BAR-ON, Reuven. **Emotional and social intelligence: insights from the Emotional Quotient Inventory (EQ-i)**. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). *The handbook of emotional intelligence: theory, development, assessment, and application at home, school, and in the workplace*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000. p. 363–388.
- BARCELOS, Ana Maria F. **Sob a mira das emoções: caminhos múltiplos para letramentos emocionais**. Campinas: Pontes, 2024.
- BOEKAERTS, Monique. **Self-regulated learning at the junction of cognition and motivation**. *European Psychologist*, v. 1, n. 2, p. 100–112, 1996
- COLLABORATIVE FOR ACADEMIC, SOCIAL, AND EMOTIONAL LEARNING (CASEL). 2013 CASEL Guide: **Effective Social and Emotional Learning Programs — Preschool and Elementary School Edition**. Chicago, IL: CASEL.
- DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 4. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Tradução de Álvaro Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- LIPMAN, Matthew. **Thinking in Education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Tradução de Marion M. S. Penna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

PINHEIRO, N. V.; SELLIN, W. D.; SILVA, F. D. T.; SILVA, C. F. da C. R. da. **Revisitando a oficina pedagógica como metodologia de ensino e aprendizagem: aportes teóricos e indicações metodológicas.** Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 18, e6406201, p. 1–19, jan./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/reveduc.v18i1.6406>. Acesso em: 01/07/2025.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p. ISBN 85-7307-426-4.

ZINS, Joseph E. et al. **Building Academic Success on Social and Emotional Learning: What Does the Research Say?** New York: Teachers College Press, Columbia University, 2004